



Das páginas efêmeras da imprensa à posteridade dos livros: a Bibliotheca do jornal fluminense *O Globo* (1874–1875), de Quintino Bocaiúva

*From the Ephemeral Pages of the Press to the Posterity of Books:
the Bibliotheca of the Brazilian Newspaper O Globo (1874–1875),
by Quintino Bocaiúva*

Priscila Salvaia

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ)

priscila_salvaia@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1923-4814>

Resumo: No artigo abordamos a Bibliotheca do Globo, uma breve coletânea de livros lançada pela Tipografia do jornal fluminense *O Globo*, e que contemplou os seguintes títulos: *A mão e a luva* (1874), de Machado de Assis; *Marabá* (1875), de Salvador de Mendonça; e *Ouro sobre azul* (1875), de Silvio Dinarte – pseudônimo de Visconde de Taunay. Lançados como folhetins no próprio jornal e vindo a integrar a Bibliotheca logo em seguida, cogitamos a hipótese de que tais romances possam reverberar as particularidades de um “fazer literário” concebido por entre as malhas discursivas da imprensa oitocentista. Interessa-nos compreender as possíveis escolhas estéticas do jornalista-editor Quintino Bocaiúva por trás do periódico e dos livros. E, em nosso horizonte de expectativas, também figuram a questão moral e a temática da representação feminina, afinal, e conforme demonstraremos, a tríade converge ao tratar de perfis femininos cujas sinas são marcadas por questões de gênero, de (i)moralidade e de transgressão social.

Palavras-chave: imprensa; romance-folhetim; coletânea de livros; literatura brasileira; Quintino Bocaiúva.

Abstract: This article proposes the analysis of Bibliotheca do Globo, a small collection of books published between 1874 and 1875 by the Tipografia imprint from the Brazilian newspaper *O Globo*. The collection contemplated the following titles: *A mão e a luva* (1874), by Machado de Assis; *Marabá* (1875), by Salvador de Mendonça; and *Ouro sobre azul* (1875), by Silvio Dinarte – Visconde de Taunay’s pseudonym. At first, these novels were published as a feuilleton in the same newspaper, but they soon integrated the Bibliotheca catalog. Thus, we hypothesize that such narratives may reverberate the particularities of

a “literary practice” conceived within the discursive meshes of the 19th-century press. In this sense, we are interested in understanding the possible aesthetic choices made by the editor-journalist Quintino Bocaiúva and related to the newspaper and the books. Our expectations also include the moral issue and the female representation. As we will show, the triad of literary narratives converges in dealing with female profiles whose signs are marked by questions of gender, (im)morality, and social transgression.

Keywords: press; roman-feuilleton; book collection; Brazilian literature; Quintino Bocaiúva.

Introdução

Em artigo seminal para os estudiosos da História do Livro, Jean-Yves Mollier (2009) abordaria um longo processo histórico, delimitado entre os séculos XVIII e XIX, – quase todo restrito ao contexto europeu – e que teria por foco a temática do surgimento do livro em sua materialidade impressa, ou, à maneira que o homem moderno (re)conheceu tal artefato. Neste cenário, Mollier lança luz à figura do editor, um sujeito que, compelido pelo decurso industrial e urbano, especializa-se, abandonando o status utilitário de “livreiro”, e passando a participar das tantas etapas que precedem o surgimento do impresso: o cultivo da inteligência estética inerente à fruição e avaliação das obras; o diálogo direto com os autores; o atino em relação às expectativas do público; algum conhecimento de técnicas tipográficas; ou, ainda, toda a *expertise* imprescindível a este “homem de letras” que, ciente das inúmeras demandas que envolvem o “mercado de bens culturais” (BOURDIEU, 1996), tornar-se-ia capaz de lançar-se por entre mundos da mercadoria e do espírito.

O editor Quintino Bocaiúva, persona formada pela escritura dramática e presença marcante nas redações dos principais jornais fluminenses oitocentistas, será um dos temas de nossa reflexão. Na década de 1870, atuando como editor-chefe do periódico *O Globo*, Bocaiúva traria a lume a coleção de livros Bibliotheca do Globo, composta pelos seguintes títulos: *A mão e a luva* (1874), de Machado de Assis; *Marabá* (1875), de Salvador de Mendonça; e *Ouro sobre azul* (1875), de Silvio Dinarte – pseudônimo de Visconde de Taunay.

De antemão, salientamos o processo *transitório* que envolvia a publicação dos romances, uma vez que, antes dos livros, os títulos viriam a público no próprio jornal, em formato de folhetim. Tal processo de transitoriedade – o qual cremos ser poético e material (Cf. KALIFA;

RÉGNIER; THÉRENTY; VAILLANT, 2011) – muito nos interessa, e, neste artigo, pretendemos demonstrar como os ideários e os debates estéticos que perpassavam a folha invadiriam a concepção do compêndio. Ademais, informamos acerca da presença de um discurso nacionalista *aparentemente* tardio em torno da proposição da coleção, já que alguns signos de modernidade – próprios do findar do século XIX – pareciam invadir, quase que forçosamente, os espaços ficcionais dos romances-folhetins em questão. Propomos que ao idear tal coleção de livros, o nosso “cavaleiro da causa nacional” (RANGEL, 2016) atravessaria os mundos do capital e da elevação artística, deixando-se arrastar pelas tantas variáveis que, do nosso ponto de vista, constituíram a tríade de romances. Dito isso, cogitamos a hipótese de que a Bibliotheca do Globo poderia ser melhor compreendida se conjugada à “plasticidade” das páginas do periódico que a originou.

Assim, e lançando mão da figura onipresente do “editor-demiurgo”, proposta por Roger Chartier (2014), pretendemos compreender em que medida tal publicista, multifacetado entre os ofícios de autor, crítico, jornalista, editor, terminaria por alvitrar um ideal conjuntural de literatura brasileira através da Bibliotheca que apresentaremos.

O jornalista-editor Quintino Bocaiúva e o periódico *O Globo*

Nascido em Itaguaí no ano de 1836, Quintino Bocaiúva trazia consigo os ideais de nacionalidade que tonalizaram todo o período oitocentista, daí a opção diligente de adotar um sobrenome de origem indígena, já que o seu nome de batismo era Quintino Antônio Ferreira de Sousa. A trajetória na imprensa iniciar-se-ia em São Paulo, durante o bacharelado em Direito, curso que o jovem não chegaria a concluir devido às dificuldades financeiras (Cf. SILVA, 1962). De volta ao Rio de Janeiro, Bocaiúva dividir-se-ia entre o jornalismo, tornando-se assíduo colaborador de diversas folhas; a política – a causa liberal e, posteriormente, o republicanismo lhe animavam o espírito –; e o teatro, com uma produção profícua de peças e atuando como tradutor de textos estrangeiros (Cf. FARIA, 2001). Destarte, faz-se necessário enfatizar que estamos diante de uma figura dotada de diversos talentos, e com os pés fincados em sua própria historicidade.

No clássico *História da imprensa no Brasil* (1999), Nelson Werneck Sodré dedicaria uma breve passagem ao surgimento d’*O Globo*, informando

apenas que em 1874, junto ao “acontecimento jornalístico” (SODRÉ, 1999, p. 224) do aparecimento da *Gazeta de Notícias*, surgiria a folha de Bocaiúva. Na verdade, se estabelecermos tal comparação, qualquer folha coetânea à popular *Gazeta*, de Ferreira de Araújo, se tornará diminuta. Mais recentemente, Matías M. Molina, no *História dos jornais no Brasil* (2015), qualifica *O Globo* como um órgão ligado à Agência Americana Telegraphica, pertencente ao banqueiro Manuel Gomes de Oliveira.

O projeto original d’*O Globo*, com suas quatro páginas diárias, e seu insistente refrão de dedicação “aos interesses do Comércio, Lavoura e Indústria”, surgiu em agosto de 1874, na capital do Império. Pela referência ao jornal francês *Le Globe*, e através das máximas desferidas no *slogan*, de antemão, fazia-se clarividente a orientação liberal e progressista do jornal em questão. Porém, podemos afirmar que a presença da literatura foi, possivelmente, uma das poucas inspirações colhidas na imprensa francesa, haja vista que a referência estadunidense, compreendida de maneira mais tangível à realidade brasileira, fazia-se muito presente nos editoriais do jornal. O *Globo* falava do novo, da modernidade, de uma economia dinâmica e da força de trabalho que, esperava-se, em breve liberta. Enfim, o argumento de uma jovem nação que despontava para o progresso era prerrogativa constante nas colunas do periódico.

Ainda sobre tal arcabouço, também pode-se afirmar que a folha não fora criada com a intenção específica de se comunicar com o segmento feminino. O *Globo* era, se assim podemos dizer, um jornal de homens feito para homens, e a situação das mulheres na sociedade oitocentista aparecia em raros momentos, sempre de maneira breve e com alguma desconfiança. Porém, e ainda que conjugado a uma atmosfera estereotipada como masculina, sublinhamos, primeiramente, a presença dos folhetins no jornal, com recepção certa entre o grande público, em específico entre as leitoras, comumente associadas às narrativas. E, para além de tal constatação, postulamos a hipótese de que, se a modernidade era a “pedra de toque” do periódico, por consequência, haveria a imposição de se refletir sobre o papel da mulher na esteira das mudanças sociais previstas e idealizadas para o contexto brasileiro em debate, pois, a própria figura de uma mulher potencialmente mais emancipada estaria inevitavelmente associada ao cenário que se configurava (Cf. SALVAIA, 2014).

Dizemos isso porque os perfis femininos que protagonizam a Bibliotheca do *Globo* suscitam um debate incontornável acerca da

representação da condição feminina na ficção da época. Além disso, a presença indelével de uma intelectualidade feminina nas páginas d' *O Globo* – a saber, Madame de Staël e George Sand – também nos leva a crer que a coleção livresca de Quintino Bocaiúva poderia responder a certos debates a respeito de um ideal de nacionalismo, que seria atravessado pelos crivos de uma moralidade complexa, quiçá, movediça, tendo-se em vista um findar de século matizado pela novidade do Realismo. Dessa forma, e recorrendo a Antonio Candido (1975), buscaremos demonstrar que o nacionalismo literário completou-se com a inserção do estilo realista na prosa romanesca, imprimindo-lhe um efeito desmistificador, e proporcionando a construção de personagens com certa densidade psicológica.

Nas tramas do jornal

Faz-se necessário sublinhar certa orientação metodológica que nos instiga: antes do livro, o jornal. Ou seja, nossa trajetória perpassa as folhas cotidianas da imprensa *a priori* das brochuras dos livros. Isto posto, entre a História Cultural e a Crítica Literária, são muitos os estudos e autores que nos inspiram, e dos quais tomaremos de empréstimo os métodos e as *práxis* para o desenvolvimento deste artigo.

Partimos dos estudos de Dominique Kalifa, Philippe Régnier, Marie-Ève Thérénty e Alain Vaillant (2011) para conceber a ideia do espaço midiático como um laboratório de ideias que adentram, ou se misturam, à poética literária folhetinesca, tida por volátil, mas que se fará permanente na forma fixa do livro. De acordo com Thérénty:

A literatura do século XIX só tem a ganhar quando lida à luz do periódico, não somente porque sem dúvida ele contribuiu para o nascimento dos gêneros literários (certamente para o do romance-folhetim, mas também do poema em prosa, do romance policial e, igualmente, do romance-mosaico [...]) mas também porque a imbricação constante dos meios jornalísticos e literários no século XIX explica as mutações estéticas e sociológicas da literatura. (THÉRENTY, 2003, p. 12 apud GRANJA, 2018, p. 14)

Ou ainda, e como já havia antecipado Marlyse Meyer (1996, p. 224-225), sinalizamos que os nossos esforços investigativos se alinham à perspectiva da engenhosidade envolvida no processo de “folhetinização da

informação”, admitindo que sem os códigos do folhetim, ou do romance, o jornal seria inconcebível, e, no limite, os acontecimentos do dia a dia serviriam de mote às extravagâncias romanescas.

Nos referimos ainda aos escritos de Lúcia Granja (2018, 2020), estudiosa da obra de Machado de Assis, que valoriza a trajetória do escritor na imprensa brasileira oitocentista, identificando certa “forma midiática” na qual o autor esteve fixado. Dessa maneira, e inserindo o caso brasileiro no contexto globalizado da chamada “Civilização do jornal”, Granja destrincha um sistema midiático do qual o jornal cotidiano era peça chave, emprestando à literatura as novidades do jornal (ritmo, escrita coletiva, periodicidade, etc.), ao mesmo tempo em que a matriz midiática era invadida pela escrita narrativa e pela retórica que vinham da literatura.

A temática literária n’*O Globo*

Eram dois os lugares reconhecidamente cativos dos assuntos literários no jornal *O Globo*: em primeiro lugar, o rodapé da primeira página, sempre dedicado aos folhetins, às crônicas e às críticas literárias e teatrais; além disso, havia a coluna “Literatura”, nem sempre fixa, raramente assinada, mas que funcionava como uma espécie de editorial do periódico acerca dos assuntos literários nacionais e internacionais. Fora isso, e numa leitura mais pormenorizada, notamos que a temática inundava e perpassava outros tantos trechos do noticiário, demonstrando que qualquer análise pretensamente “estanque” do periódico, terminaria por desperdiçar os vestígios da poética que o erigia. A seguir, citaremos um interessante trecho que abarca a questão das Letras na folha dirigida por Bocaiúva:

É já um lugar commum fallar na pobreza das lettras pátrias. Não somos, com effeito, copiosos em thesouros litterarios, em fructos intellectuaes, se os comparamos com as produções da industria, embora limitadissima. Nem é isso para admirar: somos uma nação de hontem. Mas o que é verdade é que somos ainda mais pobres pelo muito que descuramos o que possuímos.

Assim, raro vemos uma obra litteraria occupar a attenção publica por mais de oito dias.

Sahe o livro a lume, batem uniformemente palmas todos os jornaes, vende o editor escassos exemplares, conversa acerca da obra meia dúzia de rodas, em que ainda se tratem taes assumptos, e dentro em

breve coroam o interesse ephemero aquellas palavras lugubres que fecham a última falla de Hamleto: “Quanto ao mais, silêncio.”

[...]

O intuito, portanto, desta revista, é crear mais uma voz em prol das letras nacionais, trazendo do nosso registro diario para estas columnas as obras que tiverem direito de viver vida menos fugaz. (O GLOBO, 1874, n. 8, p. 3)

Vale destacar o papel preponderante da imprensa na divulgação e legitimação das obras ficcionais: sai o livro, e, acrescentamos, se batem palmas os jornais, os editores poderiam minguar a venda de alguns exemplares. Seguidamente, e numa espécie de “lugar-comum” no século XIX, acompanharíamos as lamúrias a respeito do público que consumia os citados escritos. Ao final do trecho, era expressa a missão pedagógica da folha em questão: uma voz pelas letras nacionais, registrando certo juízo crítico, e retirando da obscuridade as produções que merecessem uma existência mais perene.

A estudiosa Valéria Augusti (2006) já teria esclarecido que, o prestígio do romance no Brasil – reconhecidamente atrelado ao ideário nacionalista – teria ocorrido através das malhas da imprensa, para além dos espaços escolares, ou daquilo que era prescrito pelo Colégio Pedro II. De todo modo, o que significaria falar em “letras nacionais” na adiantada década de 1870, quando o processo de independência político e cultural em relação à metrópole lusitana já não se encontrava mais no horizonte de expectativas de tais homens de letras? Ademais, qual seria a concepção de “nacionalidade” defendida, ou, qual o arcabouço teórico articulado pelo/no jornal chefiado por Quintino Bocaiúva? E, por fim, como tal discursividade invadiria a Bibliotheca do Globo, tomando vulto nos pormenores de uma moralidade associada aos papéis designados ao gênero feminino em tal historicidade?

É interessante notar que Bocaiúva sempre esteve às voltas com a questão nacional, mesmo quando tal preocupação soava de maneira anacrônica. Por exemplo, na década de 1860, o editor lançava a *Lírica Nacional*, um longo compêndio de poemas de cores nativistas. De acordo com Janaína Guimarães Senna (2003–2004), a *Lírica Nacional* consistia num esforço memorialista e arraigadamente romântico de seu organizador.

Por outro lado, em 1856, quando o “homem de teatro” estreava como crítico, o Rio de Janeiro assistia a uma disputa voraz entre estéticas antagônicas: a romântica e a realista, e, segundo João Roberto Faria (1989), rapidamente Quintino Bocaiúva alinhou-se ao Teatro Ginásio Dramático, cuja *mise en scène* reverberava o realismo francês em voga na época. Citamos tais exemplos no intuito de demonstrar que “o velho e o novo” conviviam, amalgamando-se, e formando o repertório a partir do qual tal intelectualidade lia o universo cultural que a envolvia.

N’*O Globo* da década de 1870, a querela nacionalista tomava corpo através da exposição de ideias nem tão recentes em cenários europeus, porém, entusiasticamente divulgadas na imprensa brasileira da época. Dessa forma, nos referimos aos nomes de Madame de Staël e de George Sand, que, conforme demonstraremos, sempre estiveram presentes à urdidura d’*O Globo*, e, ao propagarem um ideal de literatura nacional, calcado no critério da verossimilhança e em consonância com as complexidades do romance moderno, pareciam fornecer a verve a partir da qual se moldava o projeto literário concebido nas colunas efêmeras do jornal e, cremos, na forma fixa do projeto literário evidente na Bibliotheca do mesmo.

A partir de setembro de 1874, e tendo por mote a reprodução do discurso do Dr. Thomaz Alves Junior, proferido numa das tantas “Conferências Populares da Glória”, as colunas do periódico passariam a ser invadidas por breves dissertações acerca do vulto de Madame de Staël.

Embora de denominação “popular”, as “Conferências da Glória”, coordenadas pelo conselheiro Correia, costumavam tratar das mais diversas matérias (artes, letras, botânica, política), e eram prestigiadas pelo seletor público que frequentava as imediações do famoso bairro fluminense e, não raramente, pelos próprios membros da família imperial (Cf. FONSECA, 1996). Enfim, sabe-se que a concepção de tais conferências fora colhida em terras europeias, mais especificamente, em solo francês. Dito isso, enfatizamos que as palestras e os cursos proferidos – recorrentemente repercutidos na imprensa brasileira da época – abordavam assuntos considerados relevantes para a instrução da população, trazendo consigo um ideal pedagógico que ainda refletia o essencial do século das luzes.

Nesse sentido, e ainda que morta em 1817, a figura de Madame de Staël, envolta pela áurea da Revolução Francesa, era a grande personagem

apresentada por Dr. Thomaz Alves Jr., ao seu público ouvinte/leitor composto por homens e mulheres:

Staël é um grande vulto na história social-política do povo francez, porque figurou na lucta de seus partidos, e sem dúvida inspiradora da escola doutrinária que sustenta a liberdade como dogma constitucional de um povo; neste caso seu nome pertence a sociedade. (ALVES JUNIOR, 1874, n. 51, p. 2)

A partir daí, além de propor certo incursu biografista, o autor fazia questão de enfatizar o brilhantismo de uma formação intelectual tributária, especialmente, ao pensamento de Jean-Jacques Rousseau, expoente iluminista que frequentara os salões artísticos organizados pela influente Sra. Suzanne Necker, mãe da jovem prodigiosa. Ainda de acordo com o excerto, capaz de fazer-se respeitar por sua erudição, Anne-Louise Germaine de Staël-Holstein também fora esposa e mãe. Assim, ao equilibrar mundos tidos por antagônicos, a ensaísta francesa inspirava em terras brasileiras algo de um pensamento inteligentemente conciliatório:

Foi o J. J. Rousseau das mulheres, porém mais terno, mais sensato e mais capaz de grandes acções.

Genio de dous sexos, um para pensar e outro para amar, Madame Staël foi a mais apaixonada das mulheres e a mais viril dos escriptores de seu tempo. Ella viverá tanto como a história e como a litteratura de sua patria. (ALVES JUNIOR, 1874, n. 87, p. 2)

Desnecessário informar do sexismo empregado em tal construção semântica. De todo modo, a tônica, labiríntica, todavia, elogiosa, se estendia à carreira literária de Madame de Staël. Destarte, eram citados os romances *Delphine* (1802) e *Corinne* (1807), títulos de sucesso à época, repercutidos, inclusive, no romance *Esau e Jacó* (1904), de Machado de Assis. Ainda no excerto assinado por Thomaz Alves Jr., e, registramos, dedicado a Salvador de Mendonça, também era listado *D'Alemanha* (1810) e, neste caso, vinha à baila uma obra interpretada como seminal à área de Literatura Comparada, pois, de maneira pioneira, propunha certo dialogismo entre as literaturas francesa e alemã, revelando, assim, as vertentes de um debate teórico que seria desenvolvido *a posteriori*:

Não eram, porém, esses os maiores triunfos reservados a Staël, ella o alcança o mais estrondoso no seu livro a *Alemanha*.

Quando se contemplam as paginas desse livro o espírito vacilla por acreditar que uma mulher podesse attingir tão alto grau de illustração e de sciencia. (ALVES JUNIOR, 1874, n. 51, p. 2)

Em estudo sobre o tema, Edmir Missio (1997) argumenta que a sensibilidade romântica inspirada por Madame de Staël em seus escritos, tomava corpo no escrutínio das relações entre a literatura e o devir de seu próprio tempo. Ou seja, haveria uma atenção específica à ampliação da influência da história e da filosofia sobre a literatura moderna, sobretudo, quando vislumbramos a questão moral. Acerca de tal leitura, Claudia Amigo Pino (2012) assente ainda que a presença do elemento moral nos estudos de Staël, estaria atrelada ao critério da verossimilhança inerente ao gênero do romance que, à época, apenas despontava.

Dito isso, e, talvez, utilizando de termos rousseauianos, conjugamos a prerrogativa moral àquilo que seria compreendido como promissor à esfera pública, fazendo com que individualidades modernas, corporificadas em personagens de nuances aprofundadas e, portanto, passíveis do escrutínio da realidade, trouxessem consigo os preceitos de uma “evolução” do coletivo, ou do tecido social.

Aliás, argumento semelhante seria mobilizado por Machado de Assis que, na condição de censor teatral, chegou a se envolver numa breve polêmica a respeito da peça *Suplício de uma mulher* (1865), de Alexandre Dumas Filho e Émile de Girardin. Tendo por enredo as desventuras de uma mulher honesta que se tornaria adúltera por força das circunstâncias, o drama – aprovadíssimo pelo bruxo – rendeu longas explanações nos jornais *Diário do Rio de Janeiro* e *n’O Globo*:

O Suplício de uma mulher trata da questão do adultério com os traços mais vigorosos e novos; os autores não recuaram diante de nenhuma dificuldade, nem mesmo diante do fruto do amor criminoso; e essa situação, se impressiona pela ousadia, corrige pela energia da verdade [...] Ora, se a conclusão nos satisfaz, e se a situação não nos seduz, onde está o escândalo da peça? Uma obra é moral – lembra-me ter lido em Mme. de Staël –, se a impressão que se recebe é favorável ao aperfeiçoamento da alma humana... A moralidade de uma obra consiste nos sentimentos que ela inspira. Ninguém dirá que os sentimentos que nos inspira o *Suplício de uma mulher*

sejam simpáticos à perversão dos costumes; e se as nossas lágrimas acompanham Dumont, é que estão do lado do dever.

Nos nossos dias, quando o adorável talento de Madame Sand deu ao mundo literário essa longa série de livros que hão de desafiar os séculos e levar à mais remota posteridade o nome da sua prodigiosa criadora, de todos os lados da literatura surgiram críticas acerbas contra ela, e dizia-se desassombadamente, que essas obras eram libelos contra o casamento e a moral. (ASSIS, 1938)

Quem há aí que não conheça o *Suplício de uma mulher*, o drama que inaugurou uma escola na litteratura dramática, a obra prima de Dumas e Girardin, escrita de conformidade com todas as regras da arte e da estetica. [...] Dolorosa situação! Uma mulher que cobre de vergonha e de ridículo o homem a quem ama, seu marido, e que é instada a fugir com um amante, o homem a quem se sacrificara, mas que nunca amou. (STENIO, 1875, n. 58, p. 1)

A fim de margear o presente artigo, faremos vista grossa à querela dramática. Na verdade, interessa-nos sublinhar o trato da questão moral a partir das referências/deferências a Madame de Staël e George Sand. Assim, pareadas na dicção de Machado de Assis, torna-se passível sugerir que, no vocabulário da crítica da época, as produções das ensaístas francesas inspiravam leituras enviesadas ao aperfeiçoamento da moral (individual) e dos costumes (social). Ou seja, partindo da alma humana, teríamos por *efeito* o bem coletivo.

A Bibliotheca do Globo

***A mão e a luva*, de Machado de Assis**

Seguindo adiante, adentremos, então, à tríade de romances que nos conduziu até aqui. Todavia, e ainda tratando de recepção crítica, talvez o exercício de colocar o carro à frente dos bois, neste caso, valha a ventura. Aprisionado nas páginas do jornal *O Globo* – distante até mesmo das lentes argutas de Ubiratan Machado –, citaremos parte de um texto que analisava *A mão e a luva*, de Machado de Assis, à época de seu lançamento:

Como primeiro volume da Bibliotheca do Globo, veio a lume, em livro, *A mão e a luva*, o delicadíssimo romance de Machado de Assis, já publicado em nosso folhetim.

[...]

Há no romance um caracter perfeito, um perfil esculptural – o de Guiomar, a ambiciosa que o sabe ser com toda a distinção. [...] a moça, “de olhos serenos, firmes e brilhantes”, é dessas imagens que nunca mais esquecem a quem uma vez as contemplou; é uma criação tão perfeita, tão moldada na realidade deste seculo [...].

[...]

Diante dessas páginas scintillantes de atticismo, riquíssimas de bom gosto – pura escola moderna –, momentos há em que se chega a vacillar na escolha entre isto e a velha arte monumental, de traços vigorosos e largos, de forte colorido e proporções athleticas. *A mão e a luva* é, em todo o valor da palavra, hoje tão barateada, – um mimo. (O GLOBO, 1874, n. 126, p. 3)

De início, destacamos a questão da verossimilhança: Guiomar era ambiciosa, moldada à realidade de seu tempo; e, em segundo lugar, a novidade estética: a obra cintilava os aspectos de pura escola moderna. Não se trata de tarefa fácil precisar, ou traduzir, aquilo que o anônimo crítico queria dizer, de todo modo, e ainda que não desestabilizasse a estética romântica, *A mão e a luva*, conforme demonstraremos, certamente flertava com o realismo. Ademais, a protagonista, fria e assumidamente ambiciosa, não poderia ser conformada a um perfil feminino loureiro, sentimental.

O enredo de *A mão e a luva* baseia-se na trajetória de Guiomar, uma jovem de origem humilde que desejava ascender socialmente. Na meninice, através da fenda de um muro divisor, a garota tomara ciência de sua posição inferior (Cf. BOSI, 1999). Num primeiro momento calou-se, ficou absorta e assumiu certa gravidade que passaria a caracterizá-la. Por fim, toda ela era cobiça. Aos treze anos ficou órfã e passou a viver com a madrinha baronesa, esta que lhe proporcionaria uma vida mais confortável e promissora. A menina tornou-se filha postiça da rica senhora e, finalmente, a fortuna emendava o equívoco do nascimento. Alguns inconvenientes surgiriam: a rivalidade com uma dama de companhia, ou, ainda, um pretendente socialmente conveniente, mas pouco desejável. No entanto, tudo seria contornado com destreza, malícia e embates (quando inevitável).

Apesar do teor liberal inerente ao folhetim, e, não à toa, ao seu suporte jornalístico, parte da fortuna crítica insistiu numa leitura

limitadamente romanesca da obra, sempre associada a uma suposta fase inicial da carreira de Machado, dita imatura. De maneira crítica, Tania Rebelo Costa Serra (2009) argumenta que *A mão e a luva* seria um romance em transição entre o romantismo e o realismo, muito embora, os seus protagonistas, Guiomar e Luiz Alves, já estivessem integralmente inseridos na psicologia da ética realista. Isto posto, e retomando as palavras da estudiosa, em *A mão e a luva* parece haver um “ruído” entre forma e conteúdo, haja vista que a forma, supostamente romântica, seria inadequada aos desígnios realistas de seus personagens centrais.

Marabá, de Salvador de Mendonça

Figura 1 – Anúncio



Ao contrário de Machado, no caso de Salvador de Mendonça, advertimos que não estamos diante de uma figura que tenha adentrado para os anais da historiografia literária. Assim, e apesar de sua atuação incessante como autor, tradutor, crítico e jornalista; *Marabá* foi efetivamente o seu único romance publicado.

Nas páginas iniciais do livro, além de um prefácio assinado pelo próprio autor, expressando o matiz de “cor local” presente em sua narrativa – “Natural é, porém, que concorram todos, na proporção de suas forças, para o desenvolvimento da literatura nacional [...]” (MENDONÇA, 1875, p. VI) –, havia ainda a exposição de uma breve carta assinada por ninguém menos que José de Alencar: “Felicito-o por seu romance, que li com extremo prazer” (ALENCAR, 1875 apud MENDONÇA, 1875, p. VIII). Portanto, o segundo livro da Bibliotheca do Globo matinha a qualidade inaugural da coleção, além de seguir proporcionando acesso relativamente democrático às brochuras anunciadas até então.

“Marabá”, vocábulo indígena que remete à miscigenação entre branco (francês) e índia, se referia, no romance, à ama de leite de Agenor, moço branco rico que, órfão da mãe biológica, parte para os Estados Unidos a fim de se ilustrar de acordo com a cartilha yankee. De volta ao Brasil, o personagem se reencontraria com o seu passado, reaproximando-se de seu amor de infância: Lúcia. Novamente apaixonados, os jovens e suas famílias planejam o enlace matrimonial do casal; todavia, ao longo da narrativa pairava certa desconfiança em relação às virtudes da noiva. Aliás, a figura mestiça de Marabá, temida por todos por sua fama de feiticeira, rondava o “filho do coração”, advertindo-lhe, de maneira cifrada, e agourando a possível união. Porém, é claro que o jovem fugia da mulher, demonstrando desprezo por ela e por todo o arcabouço arcaico associado a tal vulto. Enfim, casam-se, e, na noite de núpcias, Lúcia, profundamente constrangida, admite ao marido que, no passado, se apaixonara e se entregara a outro rapaz. Acompanhemos a cena e a reação do elegantíssimo mancebo:

[...] Agenor, sou indigna de ti! Disse Lúcia com suprema resolução.
Os olhos de Agenor saltaram-lhe quasi das orbitas.
— Si a alma está virgem, e tem ainda valor para esta confissão horrível, o corpo... esse manchou-o um homem, um verme nojento...
Com os cabellos hirtos, o gesto demudado, as mãos crispadas, o moço recuára espavorido.

No seu cérebro produziu-se o rumor pavoroso de um futuro inteiro que rue por terra.

Qual na selva amasonica o jaguar ferido lança-se sobre o imprudente agressor, os olhos de Agenor chammejaram, tremeram-lhe os lábios sem proferir um som, e com um salto felino atirou-se sobre a misera, e estrangulou-a. (MENDONÇA, 1875, p. 200)

Pouco antes do desfecho trágico, e utilizando-se de um repertório popular entre os leitores da época, o narrador entrecruzava a situação vivenciada por Lúcia, com os escritos de Alexandre Dumas Filho, demonstrando que, em tal contexto, a concepção de uma literatura pátria também seria concebida a partir da interlocução com romances estrangeiros, especialmente franceses:

— [...] O senhor já leu um opúsculo de um escriptor francez que ahi ha, filho de Alexandre Dumas, no qual se arrasôa [...] ácerca da conveniencia de matar ou perdoar á mulher que se torna infiel ao marido?

— Ainda não li, Sr. desembargador. E qual é a opinião de Dumas Filho?

— A minha! Acudiu o desembargador: que se deve matar!

[...]

— Pois eu penso de modo inteiramente diverso, Sr. desembargador. O auctor da *Dama das Camélias* poderá ter hoje boa razão para modificar as opiniões que o levaram a iniciar a propaganda da reabilitação da mulher; mas a não ser em épochas obscurantistas e em costumes barbaros e anachronicos não sei onde terá ido buscar fundamento para a sua nova doutrina. (MENDONÇA, 1875, p. 152-154)

Conforme dito, a tolerância esclarecida de Agenor – feita de um mote liberal/norte-americano muito presente ao noticiário d’*O Globo* – não vingou frente à desonra confessa de Lúcia. Acreditamos que o autor expunha em *Marabá* uma espécie de “tese moral”, peremptoriamente negada no prefácio¹, mas indelevelmente praticada ao longo da trama.

¹ “Nas páginas que se vão ler não espere o leitor encontrar, como de viva voz já disse ao autor, a sustentação de uma tese: que para decisão de certos casos de ordem moral são insuficientes todas as leis que se preestabeleçam, sendo que para cada temperamento ou para cada indivíduo se houvera de fazer legislação peculiar. Este livro não pretende provar coisa alguma: nem sequer que os homens são os mesmos em todos os tempos e com as mesmas paixões.” (MENDONÇA, 1875, p. VI).

***Ouro sobre azul*, de Silvio Dinarte**

À diferença de *Inocência* (1872), e dos tantos escritos que têm por contexto a Guerra do Paraguai – conflito do qual o nosso autor participou –, os romances urbanos de Alfredo Maria Adriano d’Escragnolle Taunay ainda padecem de certa negligência analítica por parte da crítica especializada. Em análise rara sobre a narrativa, Maria Lídia Lichtscheidl Maretta (2008) lança luz sobre a “estrutura folhetinesca” que a sustenta, bem como sobre as “alusões à história” que lhe conferem ares de verossimilhança. Sob a nossa ótica, identificamos ainda certa interlocução de *Ouro sobre azul* com a literatura francesa, em específico, através do uso de recursos meta-ficcionais; e, estabelecendo paralelos com as outras obras que compõem a Bibliotheca do Globo, enfatizamos a tônica moral em torno da concepção das figuras femininas que emergem ao longo desta narrativa.

O enredo de *Ouro sobre azul* se dá em torno das desventuras do apaixonado casal de primos, Laura Gomes e Álvaro. No entanto, ao longo de toda a narrativa, o nosso olhar será guiado pelo viajante Adolfo, amigo de Álvaro. Assim, imerso, mas com uma acuidade advinda de experiências exteriores ao contexto daquela sociedade pretensamente burguesa, Adolfo imprime certa percepção crítica acerca dos perfis psicológicos e das ações desenvolvidas, assumindo a máscara de um “narrador-árbitro/ário” em certos momentos. Ademais, ao redor do previsível casal, orbitam outras tantas personagens interessantes.

A jovem e bela Idalina, amiga de Laura, é uma dessas figuras. A moça, por influência do pai, se casara cedo com um visconde taciturno, cujo título lhe encantara. Enviuvando precocemente, a Viscondessa Idalina voltaria a frequentar os salões, desposando do status respeitável – e libertário – da viuvez, e procurando por um novo partido que lhe garantisse uma vida confortável, afinal, e ao contrário do que se dizia à boca miúda, a personagem não gozava de condição financeira luxuosa. Em vários trechos da obra, tal perfil seria alvo da especulação de terceiros, mas optamos por pinçar um diálogo entre Álvaro e Adolfo:

[...] É uma mescla de malemolência e graciosidade. Cáustica, escarninha, felina, esconde o aguçado nas unhas no aveludado da pata. Dizem as más línguas que o visconde só teve os arranhões, mas consolava-se, apresentando ao braço e em toda a parte aquela mulher bela, com a vaidade de quem calça apertado para ter pé bonito! É

uma amizade que não me agrada; Laura, porém, que a conhece bem, acha-lhe graça [...].

[...] Quadro psicológico perfeito, interrompeu Adolfo. Você, Álvaro, precisa por força descrever com a pena em punho a nossa, ou melhor a sua sociedade... Na sociedade de vocês, maldizer corresponde a ter espírito e saber conversar. Viúva, faceira, gostando do luxo, ambiciosa, intrigante talvez – você o disse.

— Não afirmei...

— Leviana, maldosa, amiga de dizer verdade aos outros, inimiga de ouvi-las a seu respeito, escarninha, divertida, caprichosa, ingrata, amável, que mais falta àquela mimosa criatura?

— Você fez dela um monstro. (TAUNAY, 1921, p. 180)

Álvaro reprovava a amizade entre Laura e Idalina, achando-a moralmente nociva para a futura noiva. A lista de adjetivos é extensa, e não há necessidade de repeti-los. Contudo, Adolfo, mais experiente e douto nos códigos que regiam tal sociedade “de corte” e com nuances de “espírito burguês”, advertia: “Na sociedade de vocês, maldizer corresponde a ter espírito e saber conversar” (TAUNAY, 1921, p. 180). Ou seja, o interlocutor era capaz de reconhecer o traquejo social necessário a uma mulher só para transitar em tal meio, angariando as atenções e colocando em jogo os interesses que lhe garantiriam a própria sobrevivência. No mais, era Álvaro quem fazia de Idalina um “monstro” e, portanto, o coquetismo perverso estava nos olhos de quem via, e não necessariamente na índole da bela viúva.

Seguindo adiante no apanhado sobre o enredo, trazemos à tona ainda o perfil de Laura Gomes. Assim como a protagonista machadiana, Laura também era órfã e, pouco ciente do próprio passado, contava com a proteção de Faria Alves, personagem identificado como “tutor” da menina, mas que exercia papel de pai devotadíssimo. No entanto, e o que saberíamos apenas através de um episódio de chantagem providencialmente folhetinesco, é que Laura era, na verdade, filha legítima de Faria Alves, fruto de uma relação extraconjugal entre ele e Elvira, já morta, mas que fora oficialmente casada. Assim, e de maneira surpreendente, a pecha do adultério cabia à memória de uma personagem feminina. Tal segredo seria mantido até o fim da trama, e nem Laura, tampouco seus pares, saberiam dos quiproquós que envolviam o seu nascimento.

Além da origem espúria, também somos informados que Laura cultivava um gosto literário peculiar. No decorrer da obra, são duas as situações nas quais a autora francesa, George Sand, seria referenciada. Num

primeiro momento, o narrador trataria da relação de Laura com a literatura romanesca, procurando demonstrar os perigos de um processo de fruição equivocado e, por isso, danoso:

Na ânsia de ler que durante muitos meses a subjugou, devorou Laura livros uns após outros, sem ordem, sem nexos, nem escolha. Vivera a vida dos personagens que mais a haviam impressionado: identificara-se com eles e então tivera alegrias imensas e dores cruciantes. Tocara em todos os gêneros de literatura e mui naturalmente com a imaginação férvida apegara-se sofregamente ao romance. Fora George Sand o seu autor favorito [sic] e da predileção das obras dessa admirável escritora proviera em todo o caso uma delicadeza de apreciação, um tino literário, um gosto apurado e um receio de vulgaridades que tornavam o seu juízo, quando o expendia, muito chegado à verdade. (DINARTE, 1874 apud TAUNAY, 1921, p. 136)

E, num segundo momento, o título *Cesarina Dietrich* (1871) seria citado. Tratando inicialmente do tema da maternidade, numa conversa com Adolfo, Laura dizia:

— Sim, é a vida pelos outros! Sempre a existência de abnegações!... Olhe, ha dias acabei de ler um livro que me fez muito mal...

— Um romance, sem dúvida... Pessima leitura, para quem tem a sua imaginação, e...

E que quer que leiamos? Interrompeu Laura com alguma amargura. Precisamos distrahir o espirito e não temos o vasto campo de que os homens se apropriaram. Eu lhe fallava no romance: intitulava-se Cesarina Dietrich, e é de George Sand... Já leu?

— Ainda não.

— Pois eu lh'ó emprestarei. É a história de uma moça bella, rica, instruída e imperiosa; typo que logo me prendeu e me entusiasmou. Aplaudí com fervor as suas idéas, e seu modo de viver, a dominação que estabeleceu sobre tudo e sobre todos, mas, coitada! O sistema a arrastou longe demais e, se compreendi o que li, a minha heroína, o meu ideal, cahio n'uma degradação immensa. Tive horror de mim mesma!... E tudo... porque Cesarina quisera romper o círculo que Deus traçou em torno da mulher, e que os homens fizeram de ferro. Tentou levantar altiva a cabeça pensadora, e a fatalidade, em nome da natureza e dos seculos, a curvou até fazê-la tocar o lôdo. É a vingança das reacções...

Laura fallava com tal energia, que as lagrimas lhe saltavam quasi aos olhos. (DINARTE, 1875, n. 69, p. 1)

Os trechos permitem a abordagem de questões primordiais para se pensar a história da leitura no Brasil do século XIX. De antemão, podemos constatar a referência à prática da leitura feminina no ambiente doméstico, na intimidade, e de títulos que fugiam às prescrições escolares ou à pedagogia católica dos manuais de moralidade comuns aos lares de então. Portanto, e embora a problemática não seja inédita (Cf. FERREIRA, 2005), deve-se enfatizar o “engenho transgressor” que interessa à tessitura de nosso artigo: as mulheres brasileiras da época se auto instruíam e formavam uma espécie de vocabulário imagético através da verve romanesca que lhes chegavam via livros e folhetins. No último caso, informamos que o periódico dirigido por Quintino Bocaiúva publicou, entre 1875 e 1876, dois títulos de George Sand em folhetins: *Flamarande* e *Os dois irmãos*. Ou seja, a referência era familiar àqueles que consumiam jornal e livros d’*O Globo*.

Além disso, e através da citação, Visconde de Taunay provocava a curiosidade de seu público acerca da produção de uma autora seminal ao romantismo francês, e que serviu de referência em relação aos direitos da mulher, especialmente no tocante ao prazer, e à igualdade de direitos em relação aos homens (FERNANDES, 2012). Isto posto, podemos problematizar certas “brechas” num reconhecível programa artístico-literário moral (CASTRILLON-MENDES, 2007, p. 38), erigido a partir de um senso de brasilidade moderno e tributário à produção estrangeira.

Considerações finais

Após expor as narrativas que compõe a Bibliotheca do Globo, podemos propor um denominador comum: tal projeto literário, que tilintava certa pedagogia de ordem moral – dirigida, sobretudo, às composturas femininas – também dialogava com as contradições da modernidade de seu próprio tempo. Por isso, embora cientes de que a Bibliotheca fosse composta de “patriótica ideia”², não nos deparamos com um nacionalismo reconhecível em

² “*A mão e a luva* tal é o título dum romance do nosso simpático Machado de Assis, que fê-lo primitivamente aparecer no folhetim de *O Globo* e, para satisfazer ao anelo [anelo] do público fluminense, tirou-o em separado, constituindo o primeiro elo dessa cadeia de romances que receberam o nome de ‘Bibliotheca do Globo’. [...] Aplaudido de todo o coração tão patriótica ideia, mui própria da ilustre redação do nosso primeiro jornal.” (ARAUCARIUS, 1875, p. 127).

cores nativistas, no entanto, notamos os ruídos causados, por exemplo, pelos ímpetos transgressivos de George Sand, ou, ainda, pela afronta realista de Dumas Filho. Por outro lado, a leitura da coleção junto ao seu suporte original de publicação, o jornal *O Globo*, também sugeriu a possibilidade de que as narrativas se conjugassem a um senso de moralidade referente aos costumes, ou, ao tecido social, conforme assentido precocemente pelos escritos teóricos de Madame de Staël. Enfim, problematizada através da imprensa, a Bibliotheca do Globo revela algo das incongruências de se editar romances-folhetins ao final do século XIX, num país periférico, porém, em constante interlocução com a tradição e com a novidade da estética europeia, sobretudo, francesa.

Referências

ALVES JUNIOR, Thomaz. Mme. de Stael. *O Globo*, Rio de Janeiro, n. 51, 24 set. 1874. Seção Litteraria, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/369381/per369381_1874_00051.pdf. Acesso em: 2 jun. 2021.

ALVES JUNIOR, Thomaz. Mme. de Stael. *O Globo*, Rio de Janeiro, n. 87, 30 out. 1874. Seção Litteraria, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/369381/per369381_1874_00087.pdf. Acesso em: 2 jun. 2021.

ARAUCARIUS. Revista Brasília-Literária. *O Novo Mundo*, New York, v. 5, n. 53, p. 126-127, 22 fev. 1875. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/122815/per122815_1875_00053.pdf. Acesso em: 13 jun. 2021.

ASSIS, Machado de. *A mão e a luva*. Gomes de Oliveira; C. (ed.). Rio de Janeiro: Typografia do Globo, 1874. (Bibliotheca do Globo). Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4730>. Acesso em: 6 maio 2021.

ASSIS, Machado de. História deste drama; Crítica teatral. In: ASSIS, Machado de. *Teatro*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1938. Não paginado. Disponível em: <https://machadodeassis.ufsc.br/obras/criticas/CRITICA,%20Dois%20folhetins%20Suplicio%20de%20uma%20mulher,%201865.htm>. Acesso em: 25 fev. 2023.

AUGUSTI, Valéria. *Trajatórias de consagração: discursos da crítica sobre o romance no Brasil oitocentista*. Orientadora: Márcia Azevedo de Abreu. 2006. 164 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos Literários, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 5. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 1975. v. 2.

CASTRILLON-MENDES, Olga Maria. *Taunay viajante e a construção da imagética de Mato Grosso*. Orientador: Carlos Eduardo Ornellas Berriel. 2007. 243 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Estudos Literários, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. Tradução de George Schlesinger. São Paulo: Editora da UNESP, 2014.

DINARTE, Sylvio. Ouro sobre azul. *O Globo*, Rio de Janeiro, n. 69, 11 mar. 1875. Folhetim do *Globo*, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/369381/per369381_1875_00069.pdf. Acesso em: 9 jun. 2021.

FARIA, João Roberto. *Ideias teatrais: o século XIX no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

FARIA, João Roberto. Retrato de um republicano quando jovem. *Revista USP*, São Paulo, n. 3, p. 65-78, 1989. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i3p65-78>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25481>. Acesso em: 26 set. 2022.

FERNANDES, Magali Oliveira. O processo criativo no universo da edição - George Sand no Brasil. *Revista Tessituras & Criação*, São Paulo, n. 3, p. 64-84, set. 2012.

FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. As leitoras no Rio de Janeiro do século XIX: a difusão da literatura. *Revista Gênero*, Niterói, v. 5, n. 2, p. 81-93, 2005.

FONSECA, Maria Rachel Fróes da. As ‘Conferências Populares da Glória’: a divulgação do saber científico. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 135-166, 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/9KHpz3Xp5d4yfGXGy34QQGJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 set. 2022.

GRANJA, Lúcia. *Machado de Assis – antes do livro, o jornal: suporte, mídia e ficção*. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2018.

GRANJA, Lúcia. Machado de Assis: relações com o mundo editorial. In: SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina (org.). *Machado de Assis: intérprete da sociedade brasileira*. Porto Alegre: Zouk, 2020. p. 251-260.

KALIFA, Dominique; RÉGNIER, Philippe; THÉRENTY, Marie-Éve; VAILLANT, Alain (dir.). *La civilisation du journal: histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIXe siècle*. Paris: Nouveau Monde Éditions, 2011.

MARETTI, Maria Lídia Lichtscheidl. Os romances urbanos do Visconde de Taunay: o caso de *Ouro sobre Azul*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 11., 2008, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: USP, 2008. Não paginado.

MENDONÇA, Salvador de. *Marabá*. Gomes de Oliveira; C. (ed.). Rio de Janeiro: Typografia do Globo, 1875. (Bibliotheca do Globo). Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/223>. Acesso em: 16 maio 2021.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MISSIO, Edmir. *De L'Allemagne, de Mme De Staël: apresentação e tradução de textos escolhidos*. Orientador: Luiz Carlos da Silva Dantas. 1997. 118 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos Literários, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

MOLINA, Matías. *História dos jornais no Brasil: da era colonial à Regência (1500–1840)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MOLLIER, Jean-Yves. A história do livro e da edição: um observatório privilegiado do mundo mental dos homens do século XVIII ao século XX. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 25, n. 42, p. 521-537, jul./ dez. 2009.

O GLOBO, Rio de Janeiro, n. 126, 8 dez. 1874. Disponível: http://memoria.bn.br/pdf/369381/per369381_1874_00126.pdf. Acesso em: 11 jun. 2021.

O GLOBO, Rio de Janeiro, n. 68, 10 mar. 1875. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/369381/per369381_1875_00068.pdf. Acesso em: 11 jun. 2021.

O GLOBO, Rio de Janeiro, n. 8, 12 ago. 1874. *Litteratura*, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/369381/per369381_1874_00008.pdf. Acesso em: 8 jun. 2021.

RANGEL, Vagner Leite. O contexto da publicação e o prefácio de ‘Ressurreição’: Machado de Assis e os cavaleiros da causa nacional e da ordem romântica. *Opiniões*, São Paulo, n. 6-7, p. 221-236, 2016. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2015.115200>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/115200>. Acesso em: 18 jul. 2021.

SALVAIA, Priscila. *Diálogos possíveis: o folhetim Helena (1876)*, de Machado de Assis, no jornal O Globo. Orientador: Jefferson Cano. 2014. 166 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos Literários, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

SÊNIO. Benção Paterna. In: ALENCAR, José de. *Sonhos d'ouros*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. p. 29-38.

SENNÁ, Janaína Guimarães. Biblioteca brasileira oitocentista: uma retórica da repetição. *O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte, v. 9/10, p. 221-233, 2003–2004. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2358-9787.9.0.221-233>. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3168. Acesso em: 11 set. 2022.

SERRA, Tania Rebelo Costa. Guiomar, c'est moi! Compaixão ou admiração em *A mão e a luva (1874)*, de Machado de Assis. *Machado de Assis em Linha*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 3, p. 70-84, jun. 2009.

SILVA, Cyro. *Quintino Bocayuva. O patriarca da República*. São Paulo: Editora Obelisco, 1962.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

STAËL, Madame de; PINO, Claudia Amigo. Ensaio sobre as ficções – Madame de Staël. *Revista Criação & Crítica*, São Paulo, n. 8, p. 65-79, abr. 2012. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v5i8p65-79>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/46844>. Acesso em: 19 set. 2022.

STENIO. Ismenia e sua empreza. *O Globo*, Rio de Janeiro, n. 58, 28 fev. 1875. Arte e Artistas, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/369381/per369381_1875_00058.pdf. Acesso em: 14 jun. 2021.

TAUNAY, Visconde de. *Ouro sobre azul*. São Paulo: Companhia Melhoramentos de S. Paulo, 1921.